O CHURRASCO DEVERÁ FICAR MAIS CARO EM 2025

FELIPPE SERIGATI[1], ROBERTA POSSAMAI[2], ANDRÉ DIZ[3]

Explicável por vários fatores, o retorno da aceleração da inflação no Brasil relaciona-se especialmente com o aumento no preço dos alimentos ao longo deste ano. Mas não há razões para o BCB reagir, pois esse aumento costuma acontecer por causa de choques exógenos e temporários. Ao descrever a forma não homogênea como se dá essa alta de preços entre os grupos de alimentos, este artigo aponta as carnes como o grupo que se destacará em 2025. Enquanto as mudanças climáticas estiveram no centro da inflação de alimentos neste ano, tudo indica que o ciclo pecuário fará o churrasco ficar mais caro no ano que vem.

A INFLAÇÃO brasileira está voltando a acelerar, e, de acordo com a pesquisa Focus, do Banco Central do Brasil (BCB), as projeções para o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) para 2024 e 2025 também têm ficado maiores. Diversos fatores podem explicar essa aceleração, inclusive um aumento no preço dos alimentos. Apesar de um cenário para a manutenção dessa inflação nos produtos alimentícios ao menos em uma parte de 2025, não faz sentido o BCB reagir por esse motivo. Todavia, o churrasco provavelmente estará mais caro no ano que vem – na realidade, já nas festas de fim de ano de 2024.

PROBLEMAS CLIMÁTICOS E ACELERAÇÃO DA INFLAÇÃO DE ALIMENTOS

De acordo com o IPCA de setembro último, os alimentos acumularam uma alta de 5,9% nos últimos doze meses. No final de 2023, esse mesmo grupo encerrou o ano com uma alta de apenas 1,0%. Ou seja, claramente, o preço dos alimentos, em média, foi ficando cada vez mais caro ao longo deste ano. Por mais que outros grupos de bens e serviços também tenham acumulado aumentos de preços durante o ano, a maior alta, no momento em que este texto é redigido, é justamente dos produtos alimentícios.

Essa alta de preços entre os alimentos, certamente, incomoda os domicílios, no entanto não há razão para o BCB alterar a sua trajetória esperada para a taxa de juros. De forma análoga, também não há fundamentos para que o poder Executivo lance mão de alguma estratégia de interferência no mercado para alterar os preços observados. Como será visto adiante, essa alta decorre, em geral, de choques exógenos e temporários, e o Governo, na melhor das hipóteses, criaria mais ruído do que solução.

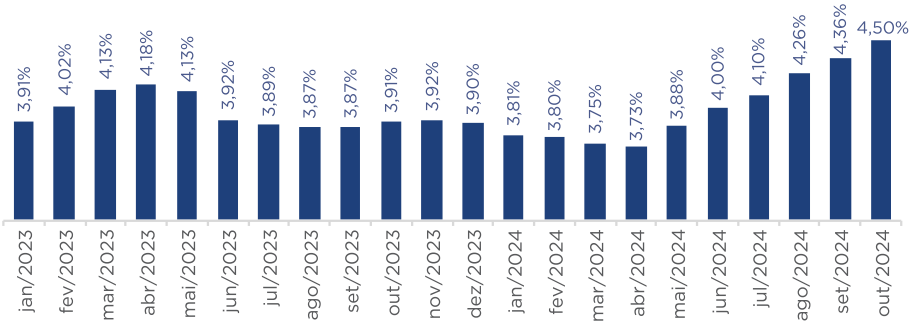
O QUE ACELEROU A INFLAÇÃO DE ALIMENTOS NESTE ANO?

Como era de se esperar, diversos fatores têm acelerado a inflação de alimentos ao longo deste ano. No entanto, essa alta não é homogênea entre os produtos que compõem o grupo alimentação no domicílio – como é normal nesse grupo, diversos itens registraram até contração no acumulado do ano. Por mais que os choques climáticos expliquem uma parte importante da elevação desses preços, é necessário analisar de forma desagregada e por produto as causas desses movimentos altistas. Além disso, como ficará claro logo na sequência, esse aumento de preços, para alguns alimentos, pode dissipar-se em 2025 e, para outros, a pressão pode manter-se ainda até maio desse próximo ano:

- Arroz – no início do ano, o preço do arroz operou em patamares elevados, devido à seca (El Niño) que prejudicou a safra do Sudeste Asiático. Adicionando pressão a esse mercado, o Rio Grande do Sul, maior estado brasileiro produtor do cereal, sofreu, em maio, pesadamente com

GRÁFICO 1 – PROJEÇÃO DE INFLAÇÃO (IPCA) DE JANEIRO DE 2023 A OUTUBRO DE 2024 (% A.A.)

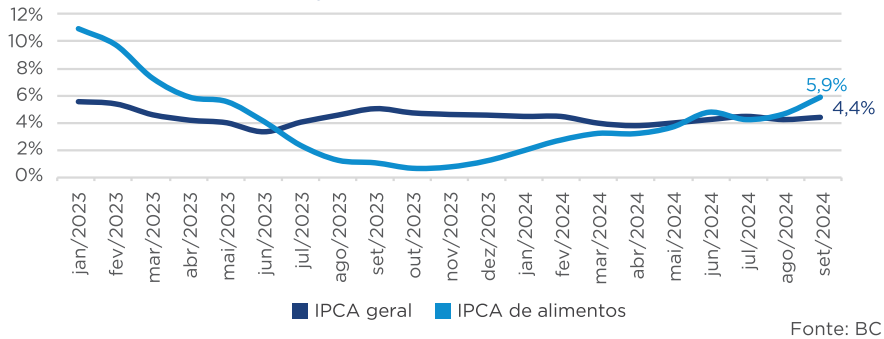
As projeções para a inflação brasileira voltam a se acelerar, com destaque para as previsões do IPCA para 2024 e 2025, que estão cada vez maiores.



Fonte: BCB (projeções até 18 de outubro de 2024)

GRÁFICO 2 – IPCA GERAL *VERSUS* INFLAÇÃO DE ALIMENTOS: VARIAÇÃO ACUMULADA EM DOZE MESES (%)

Ao longo do ano, a inflação medida pelo IPCA para o grupo de alimentos foi tornando-se cada vez mais alta: no fim de 2023, era de apenas 1,0%; em setembro último, atingiu 5,9% considerando os últimos doze meses.



Fonte: BCB

chuvas muito acima do padrão histórico. No entanto, de acordo com as projeções da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), o Brasil deve produzir mais de 12 milhões de toneladas de arroz na safra 2024/25. Esse volume é suficiente para garantir o abastecimento do mercado interno e, ainda, gerar um excedente exportável. Caso não haja pressões do setor externo, o arroz não deve contribuir para a inflação de alimentos em 2025.

- Café – a safra 2023/24 de café Robusta do Sudeste Asiático (especialmente, Vietnã e Indonésia) teve problemas devido ao El Niño. Com isso, a cotação dessa variedade subiu no mercado internacional, puxando a cotação do café Arábica e abrindo espaços adicionais no mercado internacional para o café Robusta brasileiro, que também viu os seus preços operando em patamares cada vez maiores. As secas e as ondas de calor em importantes áreas produtoras de café no Brasil no meio do ano podem ter comprometido uma parte da safra 2024/25. Diante dessa incerteza, o mercado passou a precificar o café em patamares mais elevados. No entanto, talvez as chuvas sugeridas pelos mapas climáticos para o quarto trimestre deste ano possam trazer algum alívio a esses preços, mesmo que eles não voltem aos patamares de 2023.

- Laranja – o longo período de seca e temperaturas acima da média no cinturão citrícola neste ano aumentou a incerteza com relação à safra de laranja 2024/25. Essa delicada situação é acentuada pelos estoques de passagem mundiais mais estreitos, decorrentes de uma safra 2023/24 abaixo do ideal – safra brasileira limitada com frutos pequenos e, portanto, com produção menor do que a do ciclo anterior. As chuvas projetadas para o quarto trimestre podem trazer algum alívio, mas não a ponto de trazer os preços da caixa de laranja posta na indústria aos patamares observados no final de 2023.

"Por mais que os choques climáticos expliquem uma parte importante da elevação desses preços [dos produtos que compõem o grupo alimentação no domicílio], é necessário analisar de forma desagregada e por produto as causas desses movimentos altistas."

Para a inflação de alimentos de 2025, as carnes terão, provavelmente, um destaque especial. Além de ser um produto, dentro do grupo alimentação no domicílio, mais sensível à variação da renda no mercado interno, foi, inclusive, objeto de debate nas últimas eleições presidenciais (até mesmo com promessa de picanha e cerveja). Nessa direção, as carnes merecem uma análise mais detalhada.

NA INFLAÇÃO DE ALIMENTOS, ATENÇÃO PARA AS CARNES

Entre os produtos alimentícios que mais podem contribuir para a inflação de alimentos em 2025 e que, portanto, podem causar desconforto para os domicílios, as carnes merecem, certamente, um lugar de destaque. Desde o início do segundo semestre deste ano, os preços da pecuária têm operado em patamares cada vez mais elevados. Dado que apenas uma pequena fração dessa elevação já chegou aos preços praticados no varejo, é bem razoável que as carnes estejam mais caras no final do ano e ao longo do primeiro trimestre de 2025.

INFLAÇÃO ACUMULADA NO ANO E EM DOZE MESES

Embora tenha se registrado uma alta na inflação de alimentos ao longo do ano, isso não foi homogêneo entre os produtos que compõem o grupo alimentação no domicílio, e alguns destes podem deixar de colaborar para a alta geral em 2025.

LINHA DE SUBSÍDIOS	Variação	
	Acumulada no ano	Em doze meses
Índice geral	3,31%	4,42%
Alimentação no domicílio	3,81%	6,27%
Arroz	9,74%	23,93%
Café moído	24,93%	22,66%
Laranja-pera	32,45%	62,51%
Carne bovina	0,44%	2,92%
Aves e ovos	2,39%	3,67%
Leite longa vida	21,65%	12,88%

Nota: os dados são referentes ao período até setembro último
Fonte: IBGE

A origem desse movimento pode estar centralizada na reversão do ciclo pecuário, que deve acontecer até o final do primeiro semestre de 2025 (na realidade, talvez esteja acontecendo no momento em que este artigo é redigido). Ao final da safra de bois do segundo trimestre deste ano, as cotações da pecuária passaram a aumentar de maneira bem acelerada. Por trás desse aumento, há dois eventos importantes do lado da demanda:

- O consumo interno de carne bovina está em um bom ritmo devido (i) ao mercado de trabalho aquecido (com aumento da população ocupada e expansão da remuneração média) e (ii) à expansão dos gastos públicos, notadamente em programas de transferência de renda e pagamentos indexados ao salário mínimo.

- No mercado externo, o Brasil tem exportado volumes recordes por conta do apetite de compradores, com especial destaque para a China, bem como da dificuldade de outros fornecedores (como Estados Unidos, Austrália e Argentina) de atender o mercado internacional.

"Além de ser um produto [as carnes], dentro do grupo alimentação no domicílio, mais sensível à variação da renda no mercado interno, foi, inclusive, objeto de debate nas últimas eleições presidenciais (até mesmo com promessa de picanha e cerveja)."

A oferta de animais não tem conseguido acompanhar a demanda dos frigoríficos, e a arroba do boi gordo pela B3 (bolsa de valores brasileira) ultrapassou a barreira dos R$ 300 em outubro último. Esse movimento chama a atenção, inclusive, por outubro ser um mês importante para a chegada dos animais de confinamento. A dinâmica dos preços sugere que, mesmo com essa oferta adicional, a demanda ainda permanece aquecida.

Como as cotações do bezerro também têm operado em patamares mais elevados, a margem da cria tende a ficar mais atraente e incentivar o processo de retenção de fêmeas, reduzindo a quantidade ofertada de carne e pressionando ainda mais as cotações do setor. Na realidade, dados regionais de abates – por exemplo, do Instituto Mato-Grossense de Economia Agropecuária (IMEA) – sugerem que a dinâmica de redução da participação das fêmeas nos abates já tem sido observada.

Com isso, é de se esperar que, com a reversão do ciclo pecuário, o mercado consumidor esteja preparado para encontrar carne bovina com preços maiores em 2025 do que aqueles observados no início deste ano.

Adicionalmente, dado que o preço da carne bovina exerce influência sobre os preços de outras carnes, é muito razoável que esses preços – especialmente, de carnes de frango e suína – também cheguem ao mercado, em 2025, em patamares mais elevados. Reforçam essa projeção os volumes de exportação expressivos também para essas carnes. Para os criadores, isso pode ser uma boa notícia, já que os preços recebidos devem aumentar mais do que o custo da ração, favorecendo a recomposição das suas margens.

Enfim, a inflação de alimentos tem se acelerado no Brasil ao longo deste ano, e uma parte desse processo deve permanecer em 2025, porém com características distintas. Se, no presente ano, as mudanças climáticas tiveram um papel central, o ciclo pecuário deverá fazer o churrasco ficar mais caro no ano que vem (naturalmente, sem descartar novas surpresas vindas do clima). ■

POR QUE A INFLAÇÃO DE ALIMENTOS NÃO PREOCUPA TANTO O BCB?

Em geral, o BCB não altera a trajetória da taxa de juros devido a choques aleatórios, temporários e que tendem a não contaminar os demais preços. Esse é justamente o caso da inflação de alimentos. Em geral, o preço dos alimentos sobe devido a um aumento de demanda inesperado ou uma adversidade climática que gera, por exemplo, uma quebra de safra. Nesses casos, a elevação dos preços tende a aumentar a margem dos produtores, que, no ciclo seguinte, tendem a ampliar sua produção. Com isso, a quantidade ofertada fica maior e os preços tendem a voltar para o patamar original.

Ao longo desse processo, não há nada que o BCB possa fazer para atenuar essa dinâmica. Além disso, como nenhum outro setor da economia (exceto a própria cadeia de alimentos e bebidas) tende a elevar os seus preços devido a um aumento no preço dos alimentos, a inflação nesse grupo tende a "morrer nele mesmo".

Vale ressaltar que essa é uma situação diferente de uma inflação no setor de energia ou de combustíveis. Por mais que sejam choques de oferta, um aumento de preços desses dois grupos de produtos tende a levar a um aumento de preços em outros setores, afinal são insumos de produção para praticamente todos os demais segmentos econômicos. Ou seja, nesse caso, o BCB tem de permanecer atento à forma como esses preços estão se dissipando pela economia e, se for necessário, elevar a taxa de juros para evitar que outros segmentos repassem esse choque de custos para os elos seguintes das cadeias produtivas.

1 Professor e pesquisador do Centro de Agronegócio da Fundação Getulio Vargas (FGV Agro) – felippe.serigati@fgv.br

2 Pesquisadora do FGV Agro – roberta.possamai@fgv.br

3 Professor do MBA em Gestão do Agronegócio do FGV Agro – acosta.diz@gmail.com